



Minha Notícia IG: Jornalismo Participativo Como Prática de Interação¹

Bárbara Smidt WEISE²

Camila Pereira GONÇALVES*

Thaís Salbego BUENO*

Liliane Dutra BRIGNOL³

Centro Universitário Franciscano – UNIFRA, Santa Maria, RS

RESUMO

O trabalho “Minha Notícia IG: Jornalismo Participativo Como Prática de Interação” é uma tarefa desenvolvida para a disciplina de Redes Digitais e Cidadania, do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Unifra, sob orientação da professora Liliane Dutra Brignol. Tem como objetivo analisar a interação entre os colaboradores e os mediadores do Minha Notícia, em que o leitor é o próprio repórter. A proposta nos serviu para sabermos como se dá essa participação, quem são os leitores que viram repórteres, como é o jornalismo participativo e como funciona a interação. Em que um precisa do outro para se efetuar a “troca de favores”, a chamada interdependência.

Palavras-chave

Interação; webjornalismo; jornalismo participativo; internet;

INTRODUÇÃO

Cada vez mais as novas mídias estão ganhando mais adeptos, e a internet está ligada a quase todas elas. O alcance, a mobilização e a interação que se consegue com esta ferramenta são incalculáveis. De um objeto como o celular você pode se comunicar com qualquer pessoa. A interação entre os usuários é cada vez maior no mundo e também no Brasil. É através da participação das inúmeras redes sociais digitais que o internauta passa a ser um observador e um interlocutor dos acontecimentos ao redor do planeta.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Aluna líder do grupo do 7º semestre do curso de Jornalismo da Unifra, e mail barbarawaise@hotmail.com

* Alunos do 7º semestre do curso de Jornalismo da Unifra

³ Orientadora do trabalho Professora Doutora do curso de Jornalismo da Unifra, e mail lilianedb@unifra.br



Para isso esse trabalho tem como objetivo analisar o processo de jornalismo participativo no site Minha Notícia do IG, no endereço <<http://minhanoticia.ig.com.br>>. O espaço é destinado para qualquer usuário que queira postar notícias, imagens e outros recursos da informação de qualquer lugar do mundo. As notícias locais e até mesmo mundiais são postadas no site. No Brasil todos os estados têm colaboradores, os principais líderes do ranking são Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro.

Para que a notícia seja publicada algumas regras são estabelecidas, que cumpridas pelo internauta, o tornam capaz de escrever sobre qualquer assunto, dentro das editorias disponíveis no site. Entre algumas normas do site, regras devem ser cumpridas, entre elas, nunca expressar opiniões, criticar, denunciar, usar palavrões ou agressões. Qualquer texto que contenha essas insinuações a matéria não será publicada. Erros de português também são contados a favor ou contra o colaborador, quanto mais erros tiverem menos credibilidade terá o texto publicado.

Os “internautas jornalistas” podem escrever sobre os mais diversos temas, dentro das editorias que o Minha Notícia dispõe. Assuntos do Brasil, celebridades, meio ambiente, economia, educação, mundo, política, meio ambiente são alguns temas que podem ser abordados pelos internautas. Notícias pessoais, como nascimentos, casamentos e falecimento podem ser escritas pelos usuários. Desde que as regras estabelecidas pelos mediadores sejam sempre cumpridas pelos colaboradores.

Este processo é conhecido como jornalismo participativo. Essa troca de favores, em que o site precisa do internauta e o internauta precisa da autorização para a matéria ser postada se chama interdependência. O processo de apuração, escolha das fontes, e desenvolvimento do texto são de acordo com cada usuário. Mas a publicação depende dos mediadores do Minha Notícia.

Neste sentido o trabalho “Minha Notícia IG: Jornalismo Participativo Como Prática de Interação” tem como objetivo principal esclarecer o que é, como funciona o jornalismo participativo, a interação entre os colaboradores e os mediadores. E também a participação assídua do internauta para a publicação das notícias ao redor do mundo.

2. JORNALISMO PARTICIPATIVO: O LEITOR VIRA REPÓRTER NA WEB

Jornalismo Participativo é a interação do internauta com as novas tecnologias digitais, na internet. Ele divulga a informação em um site de comunicação. Para a



jornalista e pesquisadora Elizabeth Corrêa, todo internauta pode participar ativamente da interação. “O jornalismo participativo parte do princípio que qualquer cidadão é um jornalista em potencial, e pode contribuir para a construção do noticiário” (CORRÊA, 2010, p. 1). Esses conceitos de participação, de quem escreve e de onde posta estão claros aos participantes e também ao leitor do jornalismo no site Minha Notícia.

Corrêa deixa claro quando cita Kovach e Rosenstiel (2004, p. 31), que a informação deve circular e ser autônoma.

Está prática tem por finalidade fornecer aos cidadãos informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar, e devem obedecer a alguns princípios para a sobrevivência da imprensa livre, entre eles, a necessidade da apuração de informações, a independência e o compromisso público. (KOVACH, ROSENSTIEL apud CORRÊA, 2010, p. 165).

Cada interagente, assim chamado, depende um do outro, o Minha Notícia precisa do internauta assim como o internauta precisa da autorização para sua publicação. Essa “troca” de favores é chamada de interdependência. “A comunicação não é apenas um conjunto de ações para com outra pessoa, mas sim a interação criada entre os participantes. Isto é, um indivíduo não comunica, ele se integra na ou passa a fazer parte da comunicação” (PRIMO, 2000, p. 5).

A Web 2.0 é a nova forma de compartilhar, construir e disponibilizar não só a informação, mas todo e qualquer serviço de interação entre os participantes da nova internet. “É preciso atentar para o “entre”: o relacionamento. Trata-se de uma construção coletiva, inventada pelos interagentes durante o processo, que não pode ser manipulada unilateralmente nem pré-determinada” (PRIMO, 2006, p. 7). “As interações sociais são sensíveis a certos condicionamentos trazidos pelo aparato tecnológico em jogo. Porém, a dinâmica social não pode ser explicada pela mediação informática” (PRIMO, 2006, p. 5). O pesquisador Alex Primo complementa que os serviços da Web 2.0 nada mais são do que a modernização dos tempos:

A Web 2.0 refere-se não apenas a uma combinação de técnicas informáticas (serviços Web, linguagem Ajax, Web *syndication*, etc.), mas também a um determinado período tecnológico, a um conjunto de novas estratégias mercadológicas e a processos de comunicação mediados pelo computador. (PRIMO, 2006, p. 01).



Com essa nova definição os interagentes postam as notícias de interesse próprio, em um canal que vários outros internautas também publicam as informações por eles escolhidas. O próprio *slogan* do site já demonstra que o jornalismo ali postado é colaborativo. “Minha Notícia é o site de jornalismo colaborativo do iG. Aqui o que acontece perto de você ganha destaque!”.

Alex Primo diz que a interação envolve outros elementos que não só pessoas. O autor explica:

Mais do que pessoas, o relacionamento envolve eventos, ações e comportamentos na criação, manutenção ou término de relações. Além disso, a relação sempre ocorre em um contexto (não se deve aqui supor apenas o contexto físico, mas também o contexto temporal e principalmente o contexto social). Logo, a relação envolve três elementos inter-relacionados: os participantes, a relação e o contexto. (PRIMO, 2000, p. 5).

Nas notícias postadas pelo site a interação entre pessoas e ações está implícita quando o internauta lê a notícia, vê quem posta, de onde posta e também os critérios que ocorreram para que a informação ali postada virasse notícia.

3. MINHA NOTÍCIA: REGRAS DE PUBLICAÇÃO

Entre as regras para que a notícia do leitor entre no site Minha Notícia está a impossibilidade de emitir opiniões. O texto deve ser escrito pelo leitor e conter informações confiáveis. Os leitores ainda são orientados que as matérias serão agrupadas de acordo com o assunto que estejam abordando. Quem posta a notícia tem seu nome e perfil publicado na matéria e consta também o número de notícias já publicadas pelo mesmo autor. As principais editorias do site são: Brasil, Cidades, Cidadania, Meio Ambiente, Mundo, Trânsito, Ciência e Saúde, Inusitadas, entre outras. Existe o ranking de maiores colaboradores, notícias mais lidas e mais votadas, mapa de colaboradores, demonstrando, por região, onde há mais colaborações.

A questão da localidade é completamente aberta segundo as regras. Leitores podem falar de acontecimentos locais, regionais ou nacionais, mesmo que morem no exterior. E o espaço à comunidade não se restringe à notícias de problemas relacionados



à cidade ou um bairro. Notícias pessoais, de casamentos, por exemplo, de pessoas queridas e importantes em determinado grupo social são válidos e passam na filtragem.

Há, na exposição das normas uma parte mais didática sobre como produzir a notícia, como por exemplo, o alerta para os erros de português, avisando que os que mais somarem erros menos têm chances de serem publicados. Os moderadores estabelecem que o texto deve ter as informações básicas sobre o que aconteceu, quem estava envolvido, quando e onde o fato se passou e ainda qual o motivo. São as perguntas do Lead, princípio fundamental do jornalismo, que segundo o conceito da objetividade, permite transmitir os fatos com mais isenção. A objetividade da notícia, como coloca Tuchman, “depende do uso do lead, uma fórmula para estruturar a notícia através das perguntas quem, o que, onde, quando, porquê e como” (TUCHMAN, 1972, p. 670). O Minha Notícia observa ainda critérios de liberdade de expressão, pluralismo e apartidarismo. Já os critérios editoriais para publicação ou concessão de destaque a determinado tema são o interesse do internauta em relação a assuntos que ele acredita ser importante dividir com os demais internautas.

Há ainda orientações básicas de formato de textos, vídeo e foto. O título deve ter no máximo 100 caracteres com espaço, a matéria deve conter no máximo 1500 caracteres com espaço. As fotos devem ter no máximo 500 KB cada uma e estar em formato JPG e os vídeos não terão limite enquanto forem links para conteúdos hospedados em outros sites. Os arquivos de áudio têm limite de tempo de 30 segundos para música (limite legal) e limite de 15 MB (megabytes) para arquivos não musicais. Os arquivos devem estar em formato MP3. O texto também deve ser assinado com o nome do autor e nunca o pseudônimo.

Fica claro que o Minha Notícia compõe uma equipe de profissionais que julga se as informações não são errôneas ou enganosas; se contém palavrões, agressões, ataques pessoais, racismo, preconceito ou pedofilia; se são cópias de textos publicados por outros veículos de mídia; se são comentários de algum texto publicado pelo IG, já que neste caso, os leitores são orientados a usar a ferramenta “comente esta notícia”; se contém apenas opiniões e não tragam dados, fatos ou informações que caracterizem uma notícia. A equipe iG também pode tirar do ar o texto que, após sua publicação, comprove-se ter desrespeitado alguma das regras estipuladas.



4. COMO É VISTA A PRODUÇÃO COLABORATIVA NO WEBJORNALISMO

De acordo com Gillmor (apud BRAMBILLA, 2005), a participação do público pode ser vista como algo positivo, uma vez que ninguém sabe mais que o cotidiano do que o próprio leitor. Fala ainda que, ao aceitar a participação do leitor, a notícia deixa de parecer com o formato palestra e assume feições de diálogo. Ele também se diferencia pela coloquialidade do gênero e cria um ambiente propício para trocas e aprimoramento do conteúdo. Essa troca pode se tornar mais segura que o jornalismo convencional, uma vez que permite a correção de falhas através da constante intervenção do público leigo nas matérias. Para cada matéria postada no site, existe um espaço para comentário, ali os usuários que quiserem postar seu comentário devem fornecer nome e email. Para que sua explanação seja ali exibido aos demais usuários do IG. Tudo isso de acordo com as normas estabelecidas pelos mediadores do site.

Mas alguns autores acreditam que no jornalismo vertical o profissional se distancia do leitor, mesmo que sua instituição de trabalho faça constantes pesquisas de audiência. Este distanciamento não existe no jornalismo de internet, em que o internauta participa como repórter. Por isso, Adghirni 2001 (apud BRAMBILLA 2005), por exemplo, acredita que pode haver uma desconfiguração do mercado e uma deslegitimação da profissão. Outros autores, porém, falam de uma mudança na participação do jornalista no ambiente on line. Marcondes Filho 2000 (apud BRAMBILLA 2005) acredita que o profissional usaria de sua opinião sábia para orientar as comunidades na reivindicação de questões de cidadania, por exemplo.

A integração de público de profissionais de imprensa desmistifica o jornalista como um propagador de pontos de vista soberanos, instituindo-o como alguém que consolida uma informação que vem do público, a que se acrescenta a importância que o jornalista assume no estímulo à discussão pública de pautas com diferentes enfoques. Disto emerge a revisão do conceito de mediação. (BRAMBILLA 2005, p. 4)

Kunckzik 2001 (apud BRAMBILLA 2005) amplia ainda mais o conceito de mediação, praticado pelos jornalistas. Para ele, mediar é facilitar a comunicação entre diferentes grupos sociais e este processo pode interferir ainda mais profundamente nestes grupos, através da formação da vontade política de uma sociedade.



Outra nomenclatura para esta prática é conhecida como *open source*. O conceito pode ser explicado como liberdade de interferência de leitores nos bens de informação, segundo Moura 2000 (apud Brambilla 2005). O *open source* compara os processos de produção colaborativa aplicados a softwares e a notícias, que são opostos aos padrões da mídia vertical, ou seja, que é fechada à contribuição do público.

O processo também é chamado por outros autores de “arquitetura da informação”, um ambiente de fácil publicação e aberto a debates, que também oferece recursos para a gestão do trabalho comum. Primo (2007) é um dos autores que fala sobre o conceito e acredita que a escrita coletiva on line tem como aspecto louvável a abertura de múltiplas vozes, que antes eram prejudicadas por um modelo massivo unidirecional, mas não pode dispensar uma certa regulação, já que a abertura da participação popular pode ainda resultar em vandalismo, confusões e erros de informações. Para ajustar a participação de leitores leigos nos sites abertos à participação, algumas medidas são adotadas, como a concessão do título de moderador ou administrador aos usuários que apresentam um histórico de participação regular nos sites.

5. A RELAÇÃO ENTRE CIDADANIA E WEBJORNALISMO PARTICIPATIVO

Um dos grandes motivos para a abertura dos sites jornalísticos à sociedade se deve à necessidade de ampliar as pautas profissionais para além dos interesses do jornalista, incluindo assim as reivindicações dos leitores sobre o que deve ser notícia. Primo (2006) lembra que a suposta parcialidade e o comprometimento da grande mídia com interesses comerciais vêm sendo debatida há muito tempo. A acusação parte de ativistas de direita ou de esquerda ou mesmo de leitores que são especialistas em determinado campo não satisfeitos com as imprecisões ou erros presentes nas reportagens. Através do jornalismo participativo estes grupos passaram a conquistar o poder de juntar esforços individuais ou coletivos para produzir suas próprias informações, tendo assim mais espaço do que a interação através de cartas, telefones ou publicações caseiras para implantarem o modelo de notícia que gostariam de ver na mídia.

A produção e circulação de notícias desvinculada de grandes empresas de comunicação e da imprensa oficial, praticada até mesmo por pessoas sem formação em jornalismo, tem também um sentido



político, sendo com frequência um instrumento de resistência e ativismo. Os sites de jornalismo participativo OhmyNews e Centro de Mídia Independente (CMI) têm justamente esse caráter em sua gênese. (PRIMO, 2006, p. 05)

Quando Primo (2006) escreve sobre a atuação de ativistas ou de pessoas sem conhecimento jornalístico nos espaços ampliados a estes públicos, fica claro o papel de cidadania cumprido por estes espaços.

O webjornalismo é tratado como um fenômeno ainda recente, mas sabe-se que não é mais o mesmo. A demanda de usuários cresce a cada momento, as informações são utilizadas a cada instante em alguns sites.

Há alguns sites que liberam a opinião ou notícias postadas por internautas, exemplo disso, é Minha Notícia IG. Onde você pode enviar textos, vídeos, áudios, fotos ou sms. Podemos dizer que há jornalismo participativo. Mas existe uma discórdia nisso, pois jornalismo é para pessoas graduadas em Comunicação Social, com habilitação em jornalismo. Essa questão é discutida em diversos casos, entre estudantes e profissionais do ramo. Também é um fato da produtividade e dos próprios ideais jornalísticos, da ética jornalística.

Já é dito que o fluxo jornalista – notícia – jornal – leitor, já foi substituído por jornalista – notícia – site – “usuário”, por várias pessoas se mantêm informadas ou participam de blogs, sites, via internet. “A leitura do hipertexto demanda que o internauta assuma uma postura ativa na seleção dos links que apontam para diferentes lexiais na estrutura hipertextual, o que converteria necessariamente em co-autor” (LANDOW, 1997 apud PRIMO, TRASEL, 2006).

Outro aspecto lembrado são as máquinas digitais e os celulares que possuem câmeras. Em qualquer lugar é possível registrar imagens ou vídeos bem formais. Com essa nova tecnologia móvel temos uma forma prática e rápida de informar os leitores/internautas, pois há contato em “pessoas normais” com pessoas do meio jornalístico, que repassam informações de suas capturas. As pessoas gostam de participar: anos atrás era por carta ou telefonemas, hoje o mais comum é por e-mail, MSN, twitter, Orkut, meios online.

Assim como a internet, o usuário, as conexões e também o webjornalismo são modificados a cada geração. Novos conceitos e adaptações são transformados em outros novos conceitos. O usuário passa a fazer parte da



modernização da web, quando ele informa, opina e sugere sobre novas mídias. De acordo com Alex Fernando Teixeira Primo e Marcelo Träsel(2006, p.7) três gerações ou etapas de desenvolvimento dos veículos noticiosos para o webjornalismo já foram inventados:

“A primeira geração é a da transposição do modelo impresso para as redes digitais. As notícias seguem o padrão de texto e diagramação do jornal tradicional, agregando poucos recursos para interação com o leitor, em geral apenas e-mail e um menu de navegação, mas também fóruns e enquetes. Na segunda geração, alguns elementos específicos da Web a ser agregados à notícia online, embora esta continue seguindo o padrão de texto da edição impressa. Porém, passa-se a oferecer recursos de hipermídia, listas de últimas notícias e matérias relacionadas, bem como material exclusivo para a versão online. Já na terceira geração as publicações online incorporam a hipermídia à produção de texto, aprofundando a hipertextualidade e a multimodalidade permitidas pela convergência das mídias digitais” (PRIMO; TRÄSEL, 2006, p. 7).

Na teoria do jornalismo existe um conceito chamado Gatekeeper, que é uma espécie de peneira por onde passam às notícias que chegam até a redação, onde tem jornalistas, que são responsáveis por selecionar quais fatos serão publicados, de acordo com critérios de noticiabilidade. “Gatekeeper refere-se a uma pessoa que toma uma decisão numa sequência de decisões” (TRAQUINA, 2002, p. 77). Isso é feito de acordo com a quantidade de informações circulando nas redes, pois é preciso analisá-las, ao invés de descartá-las. Onde neste quesito é preciso revisar fontes e informações enviadas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste trabalho serviu para analisarmos e observarmos como funciona o jornalismo participativo no site Minha Notícia IG. Como se dá a interação entre os mediadores e os colaboradores, quem são os “jornalistas” e como é a publicação das matérias ali postadas. Essa interação é cada vez mais freqüente entre os usuários da internet, que cada vez mais proporcionam uma melhor comunicação entre os internautas, mais acessos a diferentes assuntos, lugares e pessoas. Embora boa parte da população brasileira não tenha acesso à internet, a participação e comunicação pela Web estão cada vez mais em evidência, por parte da população. Que participa, interage e informa através do webjornalismo. Isso fica evidente quando as redes sociais na



internet, sites de relacionamento, e de jornalismo participativo disponibilizam meios para que a comunicação seja fluente e evidente entre os usuários na internet.

O lado bom do jornalismo participativo é que pessoas de diversos locais do país ou exterior possuem oportunidades, de divulgar fatos bem específicos nas suas regiões. É o caso da minha notícia IG, os usuários podem livremente postar notícias, com fontes, vídeos, fotos de fatos que estão ocorrendo, ocorreram ou vão acontecer no seu bairro, na cidade e também fora e dentro do país.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros:

TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo*. São Paulo, Quimera, 2002.

TUCHMAN, Gaye. “**A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas**”, in TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1993.

Sites Consultados:

BRAMBILLA, Ana Maria. **Jornalismo open source em busca de credibilidade**. In: Intercom 2005 – XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO INTERDISCIPLINAR DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 09, 2005, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/Ana_4.pdf Acesso em 9 de junho de 2010, às 15h32.

BRAMBILLA, Ana Maria. **A identidade profissional no jornalismo open source**. Versão revisada do trabalho apresentado no III SBPJor (Sociedade Brasileira de Pesquisadores de Jornalismo), Florianópolis, SC, em 2005. Disponível em: http://www6.ufrgs.br/emquestao/pdf_2005_v11_n1/6_aidentidadeprofissional.pdf. Acesso em 9 de junho de 2010, às 15h50.

CORREA, Elizabeth Saad. **Jornalista cidadão ou fonte de informação: estudo exploratório do papel do público no jornalismo participativo dos grandes portais brasileiros**. Estudos em Comunicação n°7 - Volume 1, 157-184, maio de 2010. Disponível em: <http://www.labcom.pt/ec/07/pdf/correa-jornalista.pdf>. Acesso em 13 de junho de 2010, às 16h50.

PRIMO, Alex . **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. E- Compós (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007. Disponível em: Disponível em: <<http://www.ccet.unimontes.br/arquivos/dcc/gilmara/1138.pdf>>. Acesso em 9 de junho de 2010, às 13h20.



PRIMO, Alex ; TRÄSEL, Marcelo Ruschel . **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias.** Contracampo (UFF), v. 14, p. 37-56, 2006. Disponível em: < <http://www6.ufrgs.br/limc/participativo/pdf/webjornal.pdf>>. Acesso em 10 de junho de 2010, às 17h10.

PRIMO, Alex. **Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo.** Revista da Famecos, n. 12, p. 81-92, jun. 2000. Disponível em: http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/int_mutua_reativa.pdf. Acesso em 13 de junho de 2010, às 16h40.